

SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO E A TEORIA DOS SISTEMAS SOCIAIS: UMA LEITURA DE NIKLAS LUHMANN

COMMUNICATION SYSTEMS AND SOCIAL SYSTEMS THEORY: A READING OF NIKLAS LUHMANN

IVAN CLEMENTINO DE SOUZA¹

RESUMO

A partir da leitura das aulas proferidas por Luhmann no curso de 1992 na Universidade de Bielefeld, intitulado como Introdução à Teoria dos Sistemas, propomos uma reflexão sobre a relevância da comunicação ou dos Sistemas de Comunicação para a Teoria dos Sistemas Sociais. É um ensaio que propõe uma breve análise sobre o que representa para Luhmann os Sistemas Parciais de Comunicação e sua função dentro da concepção de Sistema Total.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria. Sistemas Sociais. Niklas Luhmann.

ABSTRACT

From the reading of lectures given by Luhmann in 1992 at the University of Bielefeld, titled as Introduction to Systems Theory, We propose a reflection on the relevance of communication or Communication Systems for the Theory of Social Systems. Is an essay that proposes a brief analysis about what represents for Luhmann the Partial Systems of Communication and your function within the Overall System Design.

KEY-WORDS: Theory. Social Systems. Niklas Luhmann.

INTRODUÇÃO

Na Introdução à Teoria dos Sistemas (Nafarrate, 2002), Niklas Luhmann reenfatiza o interesse sobre o problema linguístico, não do ponto de vista de uma filosofia da linguagem, mas, pressupondo as condições da linguagem chega ao ponto central da sua análise, a saber: a função comunicativa da linguagem e sua basal importância para a Teoria dos Sistemas Sociais. É sobre isso que pretendemos tratar. A comunicação² como processo de vinculação dos diferentes seres humanos é, para a Teoria dos Sistemas, o Sistema Parcial sobre o qual se fundamenta o Sistema Total, ou seja, o ponto de apoio da Teoria dos Sistemas Sociais em Luhmann é o Sistema Parcial da Comunicação.

¹ Doutorando em Filosofia do Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

² A comunicação é um processamento de seleção. A seleção atualizada na comunicação constitui seu próprio horizonte, aquele que seleciona já como seleção, ou seja, como informação. O que se comunica não é somente o selecionado, mas o que já é seleção e, por isso mesmo é comunicado. Por isso é que sempre que existe comunicação se forma sociedade, deste modo os sistemas parciais estão orientados pelo modo de operação do sistema total.

No mesmo curso, Luhmann dedica duas de suas aulas ao que Nafarrate traduz como acoplamento estrutural, sendo que numa delas associa acoplamento estrutural com linguagem e na sequência, uma aula exclusiva recebe o título de Comunicação. Isso não se dá de modo gratuito. Fica explicitado que para Luhmann a operação realizada pela autopoiesis³ do sistema acontece mediante a Comunicação.

Para melhor compreensão dos sistemas de comunicação é necessário apresentar considerações sobre Sistemas de Consciência, destacando a radical separação entre ambos e o uso da linguagem como meio operativo garantidor das condições de possibilidades sistêmicas.

O artigo apresentará uma noção sobre a função operativa dos Sistemas de Comunicação para o funcionamento dos Sistemas Sociais. Da operação do Sistema de Comunicação decorre, por meio de acoplamento estrutural, a geração do princípio de autopoiesis dos Sistemas Sociais.

1. LINGUAGEM, SISTEMAS DE CONSCIÊNCIA E DE COMUNICAÇÃO

Semanticamente, linguagem e comunicação são expressões que se entrecruzam e por essa razão podem induzir a uma certa sinonímia equivocada. A linguagem, no interior da Teoria dos Sistemas Sociais é meio responsável por facilitar a compreensão entre os indivíduos e, conseqüentemente, aumentar as chances de que a comunicação atinja o receptor.

Ela (a linguagem) exerce, por óbvio, um relevante papel para a sociedade em suas variadas formas, sejam elas, escrita, falada, gestual, etc, porém, não se pode afirmar haver um Sistema de Linguagem como pressupõe Saussure, sobretudo em seu Curso sobre Linguística Geral. Como já foi dito, linguagem é meio. Para Luhmann, de modo geral, não existe um Sistema de Linguagem, existem Sistemas de Comunicação. É claro que:

[...] o homem utiliza a linguagem como finalidades e modos bastante variados: como instrumento de expressão de si mesmo, dos próprios sentimentos, desejos, idéias, para **se comunicar com os outros** (grifo nosso), para descrever as coisas, para perguntar, educar, rezar, cantar, como instrumento de luta, de propaganda, de diversão, etc. (MONDIN, 1980, p. 35).

³ Autopoiesis é a produção do sistema por si mesmo. Os sistemas autopoieticos são aqueles que por si mesmos produzem não somente suas estruturas, mas também seus elementos. O sistema se reproduz a si mesmo no espaço imaginário de suas referências porque com cada operação comunicativa renova a distinção autorreferência/heterorreferência como forma de sua autopoiesis. A autopoiesis do sistema de comunicação chamado sociedade reproduz sempre e necessariamente aquela distinção que divide as referências em autorreferência/heterorreferência.

Contudo, a preocupação de Luhmann com a linguagem direciona o foco para esse “se comunicar com os outros” e sobretudo no papel que ocupa o Sistema de Consciência no interior do Sistema de Comunicação.

Esse duplo sistema, de consciência e de comunicação, pressupõem-se. A comunicação só é possível quando decorrente do Sistema de Consciência. Sobre a pressuposição da consciência na operação da comunicação, diz Nafarrate:

[...] esta (a comunicação) só se realiza quando a consciência está presente e presta atenção. Em contrapartida, costuma-se argumentar que, muitas vezes, a comunicação tem de alertar a consciência: cuidado! preste atenção! Contudo, isso é nitidamente um estado de exceção, que não pode se estender a todo o processo comunicacional. A comunicação não tem de estar permanentemente chamando a atenção da consciência; ela a pressupõe. (NAFARRATE, 2002, p. 273)

Ainda sobre a interferência do Sistema de Consciência no Sistema de Comunicação, Nafarrate destaca os limites da consciência e sua limitação no desenvolvimento do processo comunicacional:

A consciência não pode resolver problemas de comunicação, quando estes já se desenvolveram: o esforço em comunicar-se com um estrangeiro, quando existe uma falha de compreensão insolúvel; recorre-se, então, à explicação da situação em inglês, em francês, ou mediante gestos, mas sempre em um espectro limitado, devido às próprias condições da comunicação. A consciência tenta, assim, resolver um problema momentâneo de comunicação, embora se perceba claramente que ela não pode reproduzir a complexidade de tudo o que seria necessário para que a comunicação se realizasse, mediante a linguagem. (NAFARRATE, 2002, p. 273)

Sistemas que processam sentido, tal como o de comunicação, são sistemas que se acoplam estruturalmente. “No caso de acoplamento estrutural entre sistemas psíquicos e sociais, a tese fundamental é a de que os sistemas de comunicação (sociais) estão acoplados à consciência...”. (NAFARRATE, 2002, p. 274)

Só é relevante para a comunicação, aquilo que a consciência for capaz de intermediar. A interconexão entre consciência e comunicação, fica melhor evidenciado nos seguintes termos:

[...] a conexão que, no entanto, subsiste (e que é absolutamente normal e inevitável) entre consciência e comunicação, emprega-se especificamente o conceito de acoplamento estrutural. Este funciona sempre e está imperceptivelmente presente, mesmo quando não se pensa nele, ou não se fala dele, do mesmo modo como em uma caminhada pressupõe-se necessariamente a força de atração da terra, sem que em cada passo se tenha de incluir a força da gravidade, de maneira casual. (NAFARRATE, 2002, p. 275)

No processo comunicacional, a consciência é acionada por via de acoplamento estrutural pela comunicação, sem que os “acontecimentos internos da consciência”, ou seja, os pensamentos atuem necessariamente como participantes da cadeia comunicacional. “o que, por

sua vez, traz como consequência o fato de que muitos outros acontecimentos ou mudanças no mundo, de tipo psíquico, químico, biológico, não possam produzir efeitos na comunicação”. (NAFARRATE, 2002, p. 275)

Acoplamento estrutural entre Sistemas de Comunicação e Sistemas de Consciência exercem uma função orgânica similar ao de uma membrana celular, permitindo a entrada de informações convenientes para a produção de efeitos no sistema e expurgando informações inconvenientes e portanto não produtoras de efeitos sistêmicos.

A realidade só se abre ao Ser consciente no mundo. Mesmo o Ser dotado de elevado grau de percepção não pode prescindir do sistema de consciência para comunicar-se. Sobre isso aponta Nafarrate:

Somente a consciência pode ter capacidade de percepção e dar-se conta do que acontece no mundo. Em contrapartida, a comunicação não pode perceber: ela transcorre, em certa medida, na obscuridade e no silêncio. Dado que é a consciência que percebe, pode-se decidir, em um determinado momento, utilizar energia motora para falar ou escrever. A comunicação em si mesma não pode ver, ouvir ou sentir: ela não tem nenhuma capacidade de percepção. Deve-se enfatizar isso intensamente, pois, do contrário, as decisões de separar radicalmente a consciência da comunicação nunca deixariam de ser assimiladas. (NAFARRATE, 2002, p. 275)

O pensar não garante o atributo da consciência e nem tampouco da comunicação. É preciso frisar que “[...] o ganho fundamental da consciência reside em sua capacidade de percepção e não de pensamento” (NAFARRATE, 2002, p. 275). Por vezes, o pensar pode atrapalhar, levando o homem a uma dialética mental interminável e perturbadora, provocando um efeito até mesmo bloqueador da sua capacidade de percepção, comunicação e portanto de sociabilização. Claro que

[...] o fenômeno da percepção constitui um enorme dispositivo de capacidade de processamento simultâneo, que, por sua vez, depende do cérebro, do organismo, etc. [...] a percepção é o fenômeno físico cuja existência não necessita de comunicação. [...] A percepção permanece subjugada no fechamento da consciência, e é totalmente invisível tanto para o sistema de comunicação como para a consciência dos outros. (NAFARRATE, 2002, p. 276)

Entre teoria do sistema de consciência e operação de pensamento há uma distinção teórica, embora seja:

[...] extremamente difícil separar a operação pensante da consciência, sem que intervenha um escrito, um ruído, um som. O pensar é um ganho muito específico, que, do ponto de vista teórico e histórico, nota-se claramente que não surgiu como qualidade específica do ser humano, mas como um ganho social. O pensar não surge pelo fato de que se vem ao mundo com os olhos abertos: é preciso aprender a fazê-lo. Em contrapartida, a capacidade de percepção se coloca mais além do último rincão da construção dos pensamentos. (NAFARRATE, 2002, p. 276)

O “*cogito ergo sum*” é aparentemente incompatível com a idéia de acoplamento entre Sistemas de Consciência e Sistemas de Comunicação na concepção luhmanniana, já que para pensar, antes, é preciso existir, ou seja, a existência e portanto a presença do Sistema de Consciência do Ser, são pressupostos para o pensamento. Não é o pensamento que cria o homem, nem a consciência e muito menos a comunicação. É a existência primeira do Ser que processa os dados da realidade no sistema de consciência por meio da linguagem e se comunica. Desse processo comunicacional nasce o Ser social, assim, aquele que comunica é um homem, um Ser Humano.

Nesse sentido, pode-se dizer que: “o fio dessas considerações leva, então, a afirmar que a estrutura da comunicação está completamente intermediada pela consciência, e não, por exemplo, pelos fenômenos auditivos ou óticos, como tais, da linguagem.” (Nafarrate, 2002, p. 276)

Sobre o paradoxo consciência–comunicação, nota-se que:

[...] a dimensão física não tem nenhuma influência direta na comunicação, a não ser que se trate de um fenômeno de destruição. Tudo o que é possível comunicar, deve passar, primeiramente, pelo filtro da consciência, situado no meio do sistema de comunicação. Nesse sentido, a comunicação é totalmente dependente da consciência e, ao mesmo tempo, algo que a exclui completamente, já que a consciência nunca é comunicação. (NAFARRATE, 2002, p. 276)

Nesse sentido, o papel da consciência é provocar irritações no sistema de comunicação, “a consciência provê irritações à comunicação, [...] surpresas, decepções, perturbações [...]”, ou seja, “o único fator de irritação da comunicação é a consciência, por isso “[...] a comunicação pode aumentar sua capacidade de irritabilidade graças apenas a procedimentos de consciência.” (NAFARRATE, 2002, p. 279)

Diferentemente dos sistemas de consciência, que podem ser modificados pela percepção sensorial, “a comunicação só pode ser transformada através da consciência. Tudo o que age exteriormente sobre a sociedade, sem ser comunicação, deve ter atravessado o duplo filtro da consciência e da possibilidade de comunicação.” (NAFARRATE, 2002, p. 279)

Não existe nenhuma intervenção direta dos processos físicos, químicos, biológicos, sobre a comunicação, a não ser no sentido da destruição. O ruído, a subtração do ar, ou ainda, a distância espacial, podem impedir que a comunicação verbal se realize. Os livros podem ficar manchados de tinta, mas é extremamente improvável que eles possam produzir efeitos de sentido da comunicação. Em certa medida, (a consciência) ela controla o acesso ao mundo externo à comunicação, mas o faz não como sujeito da comunicação, ou como entidade que dá fundamento à comunicação, mas em virtude de uma capacidade de percepção (ao mesmo tempo, altamente filtrada e autoproduzida) que, por sua vez, com base nas condições do acoplamento estrutural, depende de processos neurofisiológicos do cérebro e, através destes, de outros

processos de autopoiesis da vida. A comunicação praticamente não pode ignorar o que acontece na consciência, desde que isso possa ser expresso. Portanto, a comunicação está de acordo com a consciência, no sentido de dedicar exclusividade aos fenômenos psíquicos, ao mesmo tempo em que a consciência está acoplada à comunicação, no sentido de estar aberta àquilo que principalmente possa adquirir forma de comunicação. [...] da sensibilidade da percepção da consciência depende muito a possibilidade de irritação da comunicação. “[...] A consciência (sistemas psíquicos) e a comunicação (sistemas sociais) estão acopladas estruturalmente. Como se pode facilmente reconhecer, é através da linguagem que o acoplamento estrutural ordinário entre sistemas de consciência e sistemas de comunicação se torna possível. (NAFARRATE, 2002, p. 279-280)

A linguagem, a despeito de não ser considerada como um sistema, exerce um duplo papel de fundamental importância no interior dos Sistemas de Comunicação. “A linguagem tem a virtude de poder ser empregada como consciência e como comunicação, e de manter separadas as operações respectivas.” [...] “a linguagem é um tipo de ruído extremamente improvável, que precisamente por isso, é muito considerado que se lhe dê atenção.” “[...] para quem fala, a linguagem exige tamanha concentração, que é praticamente impossível dedicar-se a outra coisa.” (NAFARRATE, 2002, p. 280)

“A linguagem exige que se atente a ela, às vezes, independentemente do atrativo do conteúdo comunicacional. Pode-se tratar de uma conversa insossa, ou de um tema já conhecido e, no entanto, é quase impossível evitar que a atenção se dirija a eles:” “[...] já que para a consciência, a linguagem serve de veículo”. (NAFARRATE, 2002, p. 282)

Por vezes, o corpo fala muito mais do que a própria fala, porém, para Luhmann, seria muito difícil conceber um sistema de comunicação por via meramente gestual. “Sem dúvida alguma, existe comunicação sem linguagem: aquela que se realiza mediante gestos... movimento corporal”. (NAFARRATE, 2002, p. 282).

Para o funcionamento operativo do sistema é necessário um certo grau de estabilidade, e “[...] para a estabilidade de recursividade do sentido na comunicação, a linguagem parece ser condição indispensável”. Assim, conclui-se que consciência e comunicação estão acopladas estruturalmente pela linguagem, mas não estão reduzidas à linguagem. (NAFARRATE, 2002, p. 282).

Uma outra questão que se impõe é “saber se na unidade da comunicação se inclui o ato de entender.” (NAFARRATE, 2002, p. 282). Habermas considera a comunicação (a ação comunicacional) como um processo de entendimento intersubjetivo, que se orienta por um consenso racional (HABERMAS, 1984). Sobre essa compreensão implícita de que a comunicação persegue o consenso, pressuposto da Teoria da Ação Comunicacional desenvolvida por Habermas, Luhmann, conforme aponta Nafarrate, possui entendimento divergente dispondo que “é evidente que a comunicação é impossível sem algum tipo de consenso, mas também é impossível descartar nela o dissenso.” Aponta ainda que:

[...] não se pode esperar que, mediante a comunicação, aprimore-se a integração dos indivíduos, ou sua transparência mútua, ou a coordenação de suas condutas... Pelo contrário: não é nada improvável que quanto mais comunicação, mais desvaneçam os contornos entre a vida e a consciência dos seres humanos. (NAFARRATE, 2002, p. 282)

2. A COMUNICAÇÃO COMO SISTEMA PARCIAL DE SELEÇÃO

A comunicação é a operação mediante a qual o Sistema Social se constitui. Sobre seus elementos constitutivos, acentua Luhmann na expressão de Nafarrate:

A comunicação tem todas as propriedades necessárias para se constituir no princípio de autopoiesis dos sistemas sociais: ela é uma operação genuinamente social (e a única, enquanto tal), porque pressupõe o concurso de um grande número de sistemas de consciência, embora, precisamente por isso, enquanto unidade, ela não possa ser inputada a nenhuma consciência isolada. (NAFARRATE, 2002, p. 293)

Diz ainda,

[...] na teoria dos sistemas, o que se enfatiza é a verdadeira emergência da comunicação. Não há propriamente transmissão (perda) de alguma coisa; mas sim uma redundância criada no sentido de que a comunicação inventa sua própria memória, que pode ser evocada por diferentes pessoas, e de diferentes maneiras.” (NAFARRATE, 2002, p. 299)

Está implícito no conceito de Sistema de Comunicação, a multiplicidade de seres, capazes de se fazer entender por meio do uso da linguagem, preferencialmente a fala. Como já foi dito, o termo comunicação aqui empregado, vai muito além do uso da linguagem, do idioma e da escrita, estes são meros meios empregados pelos seres humanos para estabelecer interrelação.

O autor alemão, na tradução mexicana, chama atenção para o fato da comunicação ter adquirido um certo *status* de “ciência”, sobretudo no que se refere à sua inserção no meio acadêmico além, obviamente pelo seu emprego na vida cotidiana.

Alerta também para a metáfora da transferência segundo a qual o processo de comunicação se dá por meio da transferência de informação, o que para a Teoria dos Sistemas é um equívoco. A comunicação, antes de ser um processo de transferência, “é uma sucessão de efeitos *multiplicadores*: primeiramente, um a tem, e depois, dois, e logo ela pode ser estendida a milhões, dependendo da rede comunicacional na qual se pense...” (NAFARRATE, 2002, p. 299)

Sobre as objeções acerca da metáfora da transmissão, além do efeito multiplicador que rechaça a idéia de transmissão de informação como aquilo que o agente transmissor ao transmitir deixa de possuir, ou seja, perde, *Luhmann* aponta outras duas objeções: o desconhecimento do estado interno dos que participam do processo de comunicação que poderá levar a uma desigualdade na absorção dos conteúdos comunicacionais dos indivíduos provocada pela diversidade empírica de cada um e, por último; a objeção repousa sobre a absoluta dubiedade do processo de simultaneidade comunicacional quanto ao ato de comunicar e de entender.

Em oposição à metáfora da transmissão, a comunicação só poderá se dar na presença de três elementos de seleção: “a) a seleção da **informação**; b) a seleção do **ato de comunicar**; e c) a seleção realizada no **ato de entender**⁴ (ou não entender) a informação e o ato de comunicar.” (NAFARRATE, 2002, p. 297)

Neste ponto, *Luhmann* destaca mais uma vez a distinção entre comunicação e percepção. Percepção “é o fenômeno físico cuja existência não necessita de comunicação. O processo comunicacional não pode estabelecer conexão imediata com a percepção [...]. A percepção [...] é totalmente invisível tanto para o sistema de comunicação como para a consciência dos outros.” (NAFARRATE, 2002, p. 298)

Assim, “a Teoria dos Sistemas afirma: a síntese pela qual se torna possível a comunicação é obtida no ato de entender.” (NAFARRATE, 2002, p. 304)

Aqui, a diferença entre informação e ato de comunicar é fundamental. No ato de entender a comunicação, ocorre a conexão entre informação e ato de comunicar, sobretudo quando se utiliza a linguagem. Quem emprega a linguagem, manifesta implicitamente a intenção de partilhar uma comunicação. O falar não acontece em todos os estados normais, mas somente quando se pretende participar algo explicitamente, mesmo que seja uma mentira; isso só é possível na unidade do ato de entender. (NAFARRATE, 2002, p. 305)

Para a Teoria dos Sistemas, a função da comunicação reside em tornar provável o altamente improvável: a autopoiesis do sistema de comunicação, denominado sociedade.” (NAFARRATE, 2002, p. 306)

Ao se atentar para a origem do conceito de comunicação, pensa-se fundamentalmente que ao menos duas pessoas estão de acordo, sobretudo quando se reflete sobre a manifestação da linguagem falada. A linguagem nasce para falar. A comunicação está ligada a sistemas de interação entre presentes. (NAFARRATE, 2002:313)

⁴ O ato de entender, tal como requer ser utilizado neste contexto, não deve ser compreendido como um estado substancialmente psíquico, mas somente como condição para que uma comunicação possa seguir em diante. Portanto, entender pressupõe e traz implícita a possibilidade do entender e do não entender. Se alguém não entende, por qualquer razão, a comunicação não pode prosseguir, sendo então preciso recorrer a bases muito elementares de troca de gestos, ou introduzir palavras em outro idioma, para sair da inércia. (NAFARRATE, 2002, p. 302).

Sobre o desacoplamento estrutural trazido pela escrita, uma vez que o ato de comunicar e o ato de entender ficam separados no plano espacial e temporal, Nafarrate destaca:

Pode ser que o conceito de comunicação já não seja suficiente para ordenar essa situação, ou que estejamos no momento em que se antecipa que muito do processamento de informação de nossa sociedade já não pode ser classificado como comunicação. Será que o processo de totalização da comunicação levará – como pensa Baudrillard – ao desaparecimento do processo comunicacional, ou será que só agora começa a se tornar realidade o cego encerramento do sistema de comunicação social? (NAFARRATE, 2002:315)

REFERÊNCIAS

HABERMAS, Jurgen. *The theory of communicative action*. Boston: Beacon Press, 1984.

MONDIN, Battista. *Introdução à filosofia: problemas, sistemas, autores, obras*. São Paulo: Paulus, 1980.

NAFARRATE, Javier Torres. *Introducción a la teoría de sistemas: Lecciones publicadas por Javier Torres Nafarrete*. México: UIA-ITESO, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. 30ª ed. São Paulo: Cultrix. 2002.

recebido em: 18 março 2018
aprovado em: 16 junho 2018